

Décima Reunião
5-6 de novembro de 1998
Montevideu- Uruguai

ALADI/CM/X/Sessão Plenária
Abertura
5 de novembro de 1998

ORDEM DO DIA

1. Abertura da Décima Reunião do Conselho de Ministros da ALADI.
2. Discurso do Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, Doutor Julio María Sanguinetti.

Presidente:

DIDIER OPERTTI

Assistem: Guido Di Tella, Carlos Onis Vigil, Guillermo Campbell, Alberto Chiaradia, Rodolfo Rodríguez, María Teresa Freddolino, Gustavo A. Moreno , Noemí Gómez, Flaviano G. Forte, Marcelo Cañelas, Elizabeth Wimpfheimer, Jorge Biglione, Gustavo Vivacqua, Alberto Ewaldi, Julia Adriana Pan e Ruben Ruffi (Argentina), Javier Murillo de la Rocha, Ana María Solares Gaité, Mario Lea Plaza Torri, María Elena García de Baccino, Javier Jiménez e Windsor Hernani (Bolívia), Luis Felipe Palmeira Lampreia, José Botafogo Gonçalves, José Artur Denot Medeiros, Hildebrando Tadeu Nascimento Valadares, Ruy Carlos Pereira, Flávio Marega, Victor Luiz do Prado, Eduardo Paes Sabóia e Paulo Roberto Ribeiro Guimarães (Brasil), Jorge Leiva, Augusto Bermúdez Arancibia, Juan Gabriel Valdés, Flavio Tarsetti Quezada, Lilia Rodríguez Pizarro, Alejandro Marisio, Alberto Rodríguez Aspillaga e María Antonieta Jara (Chile), Guillermo Fernández De Soto, Marta Lucía Ramírez de Rincón, Manuel José Cárdenas, Angela María Orozco, Juan Pablo Rodríguez, María Eugenia Mesa, Enrique Pinzón Alvarez, Fabio Emel Pedraza e Luis Felipe de Castro (Colômbia), Mentor Villagómez, Héctor Plaza, José Luis Icaza, José Piedrahita, Ruben Herdoiza, Julio Prado Espinosa, Carlos Palacios e Carlos Santos Repetto (Equador), Rosario Green Macías, Eduardo J. Solís Sánchez, Rogelio Granguillhome, José Rafael Cervantes Villarreal, José Luis Solís González, Julio Lampell Adler, Arturo Juárez Juárez e Alberto Rodríguez Bolaños (México), Miguel Angel Britos, Efraín Darío Centurión, Brígido Lezcano, Carlos Galeano Perrone, Luis Copari e Isidro Valiente (Paraguai), Julio Balbuena López-Alfaro, Diego Calmet Mujica, Eduardo Brandes Salazar, Javier Paulinich Velarde, Eduardo Chávarri García, Agustín De Madalengoitía Gutiérrez, Elva Rodríguez Pastor e Elizabeth González de Fábrega (Peru), Didier Opertti, Adolfo Castells Mendivil, Elbio Roselli, Graziela Bonfiglio, Carlos A. Zeballos, Carlos Amorin, Roberto Muinelo, Eduardo Casabó, Elizabeth Moretti e Alvaro Gallardo (Uruguai), Miguel Angel Burelli Rivas, Héctor Maldonado Lira, Norma Pino, Juan Enrique Moreno Gómez, Gerardo Arellano, Ruben Pacheco Hernández e Yaritza C. Barbosa (Venezuela), Manuel Aguilera de la Paz e Diana Cantón Otaño (Cuba), David Ruano Lemus (Guatemala), Luis Ramón Ortiz Ramírez (Honduras), Alberto Boniver (Itália), Tang Min Gxin (China), Radu Vasile Urzica (Romênia), Boris Golovin (Rússia), Urs Stemmler (Suíça), William Large (BID), Carlos Zannier (CAF), Ruben Kaztman (CEPAL), Arnaldo Chibbaro (IICA) e Roberto Casañas (OEA).

Secretário-Geral: Antonio J.C. Antunes.

Secretários-Gerais Adjuntos: Juan Francisco Rojas e Isaac Maidana Quisbert.

PRESIDENTE. Está aberta a sessão.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Senhores Ministros, Senhores Secretários de Estado, Senhores Chefes de Delegação, Senhores Representantes Permanentes, Senhor Secretário-Geral, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, Senhores Membros das Delegações presentes, Senhores Observadores, senhoras e senhores, é um prazer para nós abrir esta reunião, esta Décima Reunião do Conselho de Ministros da ALADI e é um prazer, certamente, oferecer a palavra ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, depois de dar aos senhores as mais cálidas e fraternas boas-vindas.

Excelentíssimo Senhor Presidente, ofereço a palavra a Vossa Excelência.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI (Dr. Julio María Sanguinetti). Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, Senhores Ministros, Senhores Delegados, mais uma vez temos a alegria de participar de uma reunião do Conselho de Ministros da ALADI. Isto marca mais uma etapa na vida desta Instituição, que cumprirá já quase quarenta anos, com as substituições institucionais próprias das mudanças, com ampliações da própria esfera nacional dos integrantes da Organização, com todas as perspectivas que marca este novo tempo que estamos vivendo e dentro do qual esta foi uma organização pioneira.

Hoje vivemos em um mundo onde a globalização convive com uma acentuada regionalização e com a mudança científica e tecnológica que marca a pauta revolucionária destes acontecimentos sociais e econômicos movidos desde a mudança científica e tecnológica que gerou novas formas de produção, novas formas de trabalho, novas formas de lazer, novas formas de relacionamento social, que gerou, por um processo de acumulação de fatos quantitativos que terminam sendo uma mudança qualitativa, uma sociedade, certamente, diferente daquelas que tínhamos há muito poucos anos.

O fato é que o fenômeno “globalização” convive paradoxalmente com um particularismo étnico e cultural muito forte. No mesmo momento em que se uniformizam os hábitos de comportamento, os costumes, as formas de consumo, deparamos com uma forte reafirmação do particularismo cultural, do particularismo étnico, com momentos ou assuntos mesmo explosivos em algumas nações que não puderam preservar sua própria unidade estatal por esse particularismo ou que, mesmo em outras, marca, contudo, um constante conflito, uma tensão permanente com essa particularidade.

Isto pode parecer paradoxal talvez; contudo, pode ser a consequência natural, a reação dialética natural de um movimento que, ao uniformizar, gera o reativo daqueles que se afirmam em suas próprias identidades particulares para resistir àquilo que se considera inevitável.

O processo convive também com uma manifestação diferente, que vinha de antes, mas que, curiosamente, neste momento alcança sua máxima plenitude e que diz respeito aos movimentos de integração regional. A globalização se focaliza, encara-se, introduz-se normalmente em cada nação da região. Ou seja, este não é um conjunto de estados isolados, aos quais chegam, através dos meios de comunicação, umas modalidades culturais que se universalizam, mas nos encontramos com que cada nação foi buscando um âmbito regional para viver, sobreviver e desenvolver-se dentro dessa globalização. O exemplo da Europa é, certamente, o mais clamoroso, pela profundidade que tem alcançado. Não há dúvida de que a Europa, desde Maastrich, alcançou um nível de aprofundamento em seu processo de integração que hoje a leva a agir em unísono, não somente em matéria econômica, mas também na política, como estamos vendo todos os dias.

Vemos também como o processo da América Latina caminha para essa regionalização, para esse processo de integração. E creio que esta é uma oportuna reflexão a ser feita neste âmbito, neste lugar, nesta Instituição que justamente nasceu ou se desenvolveu nos anos sessenta com a idéia de produzir um processo de integração na América Latina. Sabemos que começou desde o âmbito comercial, com um enfoque predominantemente voltado para o que era o processo de liberalização comercial, com as tarifas como instrumentos fundamentais. Porém, isso foi adaptando-se, depois, ao desenvolvimento de uma idéia muito mais profunda, mais vigorosa, mais ambiciosa, que era a de comandar desde este Organismo um processo de desenvolvimento e de integração harmônica de todos seus componentes.

Este processo começou depois a defrontar-se com suas próprias dificuldades, com suas próprias inércias, com diversas dificuldades próprias das velocidades diversas de desenvolvimento de nossas próprias economias, com a dissimilitude dos regimes. Eu diria –como diz Monset de César quando quer apressar o processo do império-: “os tempos ainda não estão maduros”. Era muito difícil chegar a acordos entre governos democráticos e ditaduras militares vizinhas ou contíguas, com conflitos fronteiriços estimulados por estas situações com esquemas econômicos muito diversos, países com estabilidade, outros com hiperinflações, uns com esquemas de planejamento muito fortes, outros com esquemas mais liberais, todos, em definitivo, com estados muito mais reguladores e onívoros; logicamente, ainda não estavam maduros os tempos para a ambição com a qual tinha sido concebida a velha ALALC.

Contudo, a história seguiu seu curso. E quando em 1980 a ALALC se reconverte na ALADI se atende já a uma realidade que começava a crescer, a dos países que começavam a se relacionarem entre si, de a dois ou de a três, fator que devia ser reconhecido e atendido desde aqui. Ou seja, já começava a germinar a semente do processo de regionalização.

Encontramo-nos hoje em um processo profundo, muito importante, no qual aqui mesmo, instalados em Montevideu, podemos visualizar o MERCOSUL, que hoje é um dos processos mais fortes. No outro extremo do Continente o vemos também na América Central, que já não é a América Central de dez ou quinze anos atrás, quando parecia quase iminente, e em alguns momentos mesmo inevitável, transformar-se em uma espécie de Vietnã, como último degrau do que eram os choques da guerra fria, que teve aí uma de suas expressões mais dramáticas no momento em que a Nicarágua, Guatemala, Honduras e El Salvador pareciam estar prestes a um enfrentamento.

Um mundo muito diferente é o de hoje: temos democracia no Continente, temos economias mais abertas, temos economias estáveis, temos, em definitivo, uma sintonia muito maior no que diz respeito à visão do mundo; não estamos em mundos ideológicos enfrentados, que se enfrentam como galáxias rivais; pelo contrário, todos sentimos cada vez mais as possibilidades de aproximação. Por isso, então, foi possível desenvolver muito mais estes outros processos. A isso se deve que o MERCOSUL hoje tenha sido possível, com uma espontaneidade que nasce no ano 85, com a restauração democrática na Argentina, Brasil e Uruguai e que se estende logo ao Paraguai, mais tarde também, através de um processo de associação com o Chile e a Bolívia, como resultado de uma atmosfera, de um clima, de um ambiente que produzia possibilidades de concordância, que estabelecia procedimentos e mecanismos de diálogo muito mais fluídos, que tornava mais coerentes as normas e os as formas de agir porque não estávamos confrontando sistemas diferentes,

políticas discrepantes; pelo contrário, estávamos todos manejando-nos com instrumentos parecidos, mesmo dentro das peculiaridades de cada caso.

Neste cenário, sem dúvida, a ALADI foi um ponto de referência, um grande criador de ambiente, um grande espaço em virtude do qual foram se desenvolvendo todos estes âmbitos.

O mesmo aconteceu do lado andino de nosso Continente. Por alguma causa é que hoje também o MERCOSUL e o Pacto Andino começam a dialogar, olhando para um processo de liberalização recíproca que, em definitivo, outra coisa não é que alcançar a culminação do processo que esta Instituição representa.

Ela, no entanto, tem vivido crises e as desventuras de todo este ir e vir. Em mais de uma oportunidade apareceu a ALALC, em primeiro lugar, com o ceticismo próprio de como administrar o que poderia ser o fim daquele sonho bolivariano com o qual tinha nascido. Mais tarde, como adaptá-la a uma realidade que não parecia tão tentadora. Contudo, hoje continuamos vendo aqui o instrumento jurídico, o instrumento internacional para que a arquitetura jurídica deste necessário relacionamento encontre aqui os instrumentos adequados.

Importa olhar um pouco além. Assim como –e aqui falo sobre o que é local- o MERCOSUL, que começou também como fenômeno comercial, aduaneiro, impositivo, para depois ir adquirindo uma personalidade que vai muito além disso, de tipo econômico, social, político, de sociedades que vão sentindo-se muito mais integradas. No ensino oficial do Brasil hoje está sendo ensinado o espanhol; no ensino oficial nosso está sendo ensinado o português, e os jovens optam cada vez mais por esses idiomas recíprocos; os próprios povos estão além das normas e dos tratados porque, falando o mesmo idioma, naturalmente se desenvolve uma visão, talvez a mais profunda, da integração porque, em definitivo, nada expressa mais do que a linguagem, que não é só uma categoria literária, mas uma forma de pensar, uma forma de exercer o próprio pensamento.

Devemos pensar também que esta é a presença de uma civilização. Não faz muito tempo o professor Huntington escreveu um ensaio denominado “O choque das civilizações”, que teve grande presença no debate intelectual nos últimos anos. Não me parece que a tese tenha sido demasiado original; era, mais bem, antiga, mas ele torna a expô-la. Já no nosso velho manual de ginásio tínhamos claro que os persas e os gregos não estavam brigando por outra coisa que não fossem civilizações diversas que, ao serem diferentes, chocavam porque não se entendiam. Não eram os poços de petróleo os que estavam movendo os aqueus, os atenienses e os espartanos a enfrentar os persas daquela época. No fundo, era um choque de civilizações, que, em definitivo, é o que sempre tem movido os povos. Hoje, o que continua subsistindo em nossos próprios conflitos são choques de civilização, embora nem sempre se queira ver, e mesmo nos conflitos nacionais. O conflito da Irlanda, o que é? É um conflito de civilização. Os conflitos entre as comunidades judias e as comunidades islâmicas, o mundo islâmico, o que são? Não se trata de um debate econômico; é um debate de civilizações, centenário, às vezes, milenário. Os fatores religiosos são muito fortes, os culturais dominam.

Então, temos aqui uma presença muito importante porque é a expressão de uma civilização; a América Latina é isso; é, fundamentalmente, um espaço, uma civilização dentro da macrocivilização ocidental. E me parece que continua tendo valor. Não com o espírito da confrontação, com o qual o pode fazer Huntington, mas com o espírito da preservação. Em um mundo que globaliza hábitos e condutas, que haja um espaço, uma grande região com nações com sua própria história, mas que

representam um modo de pensar análogo, de encarar a vida, que tenham um sentido análogo a respeito da vida e da morte, que respondam também a um processo cultural parecido, que se expressem em uma língua igual ou em duas línguas primas, cada vez mais emparentadas, representa, sem dúvida, algo que não podemos, com certa superficialidade de análise, deixar de lado.

Análogas reflexões nos fazíamos, faz poucos dias, quando tivemos a Reunião de Cúpula Presidencial na cidade de Porto, onde se debatia, como se debate sempre, em nível de jornalistas, o tema de para que são as Reuniões de Cúpula Ibero-Americanas, para que esta reunião. E eu dizia a mais de um jornalista: "senhores, é nada mais e nada menos que a presença de uma civilização que nasceu na Espanha e Portugal, que se fincou na América, dando origem a um novo produto sincrético, nucleando toda sua cultura. E isto não é pouca coisa". Ou seja, que uma civilização não tenha sequer uma ocasião de reunir-se, de expressar-se e de mostrar que existe quando são pessoas que, em definitivo, vivem as mesmas emoções e vibram diante das mesmas coisas e lêem as mesmas poesias e se encendem com os mesmos discursos. Tem sentido, sim.

Da mesma forma, penso que isto também tem sentido político que vai além do que poderia ser simplesmente a arquitetura jurídica. A América Latina deve continuar afirmando seu espaço. E neste caso, um espaço de liberalização comercial, um espaço de integração, um lugar de reflexão e análise dos caminhos pelos quais deveremos transitar nos próximos tempos, um lugar onde a articulação política e jurídica tem que continuar produzindo as normas necessárias para que tudo isto que está a desenvolver-se desde as sub-regiões não se desvertebre, que tenha um conceito de unidade e que se aproxime de forma progressiva. Assim como não teria havido, na minha opinião, Pacto Andino ou Comunidade Centro-Americana ou MERCOSUL sem a ALADI, acredito que também no futuro não haverá um processo de integração, além das sub-regiões, sem esta Instituição. E este é um grande patrimônio pelo qual devemos zelar e um grande projeto que deveremos continuar desenvolvendo, tocando hoje realidades que nos fazem olhar com mais esperança o futuro. Não sonhando com utopias, como fizemos em algum tempo, mas empinados acima daquilo que já pudemos fazer, sabendo que é nosso dever continuar usando este instrumento nas novas etapas de construção que se vislumbram.

Com este espírito desejo a melhor das sortes aos Senhores Ministros, aos Senhores Delegados, ao novo Secretário e às novas autoridades. Quero expressar também a nosso amigo, o Secretário-Geral, todo nosso reconhecimento pela forma como tem trabalhado nestes anos, como temos feito, como temos tratado em mais de uma ocasião, em conjunto, de impulsionar a Instituição e de manter sua presença e de continuar servindo, em definitivo, esta grande comunidade latino-americana. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Agradecemos o discurso do Excelentíssimo Senhor Presidente da República e agradecemos a presença dos senhores nesta sessão plenária de abertura. Vamos despedir o Excelentíssimo Senhor Presidente e depois continuaremos com a primeira sessão plenária. Neste momento, então, encerramos esta sessão de abertura e os convocamos para dentro de apenas uns minutos. Muito obrigado.

- Encerra-se a sessão.